



TEORIZAÇÃO DESCOLONIAL: esboço para uma introdução¹

TEORIZACIÓN DECOLONIAL: esquema para una introducción

DECOLONIAL THEORIZATION: outline for an introduction

Edgar César Nolasco²

Resumo: A proposta deste texto resume-se em pontuar, por meio de uma linguagem assentada no que o autor denomina de teorização descolonial, alguns pontos chaves que embasam o que o autor entende por crítica biográfica fronteiriça. Aliás, acerca disso, o modo de pensar e de fazer da teorização descolonial já sinaliza tratar-se de tal crítica. Some-se a isso a presença do biolocus do des-sujeito teorizador quando empreende pôr em prática tal reflexão teórica.

Palavras-chave: Teorização descolonial; Crítica biográfica fronteiriça; Biolocus.

Resumen: El propósito de este texto se reduce a puntuar, a través de un lenguaje basado en lo que el autor llama teorización decolonial, algunas claves que subyacen en lo que el autor entiende por crítica biográfica borderline. Por cierto, sobre esto, el modo de pensar y hacer de la teorización decolonial ya señala que se trata de una crítica de este tipo. Añádase a esto la presencia del biolocus del desujeto teorizante cuando se compromete a poner en práctica tal reflexión teórica.

Palabras clave: Teorización decolonial; Crítica biográfica fronteriza; Biolocus.

¹ Uma versão inicial deste texto foi publicada no livrinho *O teorizador vira-lata* (2022).

² É professor da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) e coordenador do NECC (NÚCLEO DE ESTUDOS CULTURAIS COMPARADOS). ORCID id: <https://orcid.org/0000-0002-8180-585X>. E-mail: ecnolasco@uol.com.br e edgar.nolasco@ufms.br.

Abstract: The purpose of this text boils down to punctuating, through a language based on what the author calls decolonial theorization, some key points that support what the author understands as borderline biographical criticism. By the way, about this, the way of thinking and doing of decolonial theorizing already signals that it is such a critique. Add to this the presence of the biolocus of the theorizing de-subject when he undertakes to put such theoretical reflection into practice.

Keywords: Decolonial theorizing; Border biographical criticism; Biolocus.

Depois encontrei meu pai, que me fez festa
e não estava doente e nem tinha morrido, por isso ria,
os lábios de novo e a cara circulados de sangue,
caçava o que fazer pra gastar sua alegria:
onde está meu formão, minha vara de pescar,
cadê minha binga, meu vidro de café?
Eu sempre sonho que uma coisa gera,
Nunca nada está morto.
O que não parece vivo, aduba,
O que parece estático, espera.
Adélia Prado. *Bagagem*

28

1. AMOR À RE-leitura

A ciência pode, portanto, nascer do fantasma. É a um fantasma, dito ou não dito, que o professor deve voltar anualmente, no momento de decidir sobre o sentido de sua viagem; desse modo, ele se desvia do lugar em que o esperam, que é o lugar do Pai, sempre morto, como se sabe; pois só o filho tem fantasmas, só o filho está vivo.

BARTHES. *Aula*, p. 43.

O mestre teorizador de nonadas — em sua primeira aula presencial depois de dois anos pandêmicos — começou dizendo aos seus discípulos que havia relido grandes obras literárias e que gostaria de falar de suas leituras, já que pressentira que alguma coisa havia mudado para sempre. Entre tais obras lidas, fez questão de nominar (afinal estava numa sala de aula) *Mrs. Dalloway* e *Orlando*, de Virginia Woolf, *Perto do coração selvagem* e *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, e *O Aleph* e *Ficções*, de Jorge Luís Borges.

Adianto que não havia nenhum sentimento de nostalgia em sua fala, em seu pensamento. À lá a sra. Virginia, disse aos ouvintes com convicção que algo mudara no mundo, no pensamento, na vida e nas relações humanas depois da pandemia. E, por conseguinte, nos modos de ler, de teorizar e até mesmo no modo de pensar de todos. E o engraçado é que ele estava dizendo tudo isso agora não por conta de suas releituras feitas; mas, pelo contrário, ia chegar a elas a partir de uma perspectiva outra ainda não pensada direito nem por ele mesmo ainda.

(Seus discípulos, entre ávidos por novidades e estupefatos pelo enredo que a conversa do mestre tomava e os prendia, seguiam todos o ouvindo em silêncio de espera.)

— O mundo mudou depois de 2020 — ele repetia várias vezes durante a aula inteira. Sua conversa descansava e se ancorava nessa repetição.

Então, entre uma escolha altamente metodológica e não menos epistemológica, ele pronunciou que ia dividir a aula expositiva daquele dia também inaugural em dois momentos que se completariam ao final. No primeiro momento, ele falou que ia conversar sobre seu amor à leitura daquelas obras e seus respectivos autores, seu amor à literatura em geral. Disse:

— Caros discípulos-ouvintes, vocês que me acompanham há uns bons anos letivos sabem o quanto sou grato à sra. Virginia Woolf. Porque, aliás, a ninguém é facultado a ensinar, nem mesmo ler e escrever, teorizar e criticar, conversar sem estar em dívida perpétua com ela. Sempre estive, e fiz questão de estar, particularmente em débito com seu amor à literatura; de modo que procurei repetir, sempre que me foi possível, meu amor incondicional ao seu romance-biográfico Orlando (1928). Anos a fio, assim como fiz de forma incisiva nas aulas quando insistia dizendo leiam Virginia, tive vontade de gritar pelos corredores da universidade, ou até mesmo em plena praça pública — leiam Virginia Woolf!

(— E se hoje, agora, retomo essa conversa biográfica, não é apenas porque meu desejo mudou (graças aos deuses que nossos desejos sempre mudam), mas porque exclusivamente sinto e pressinto que algo mudou terrivelmente no mundo e no pensamento humano depois da pandemia e que alterou para sempre nossa relação com o conhecimento humano.)

Entre todas as passagens que ele gostava de lembrar aleatoriamente e de repetir em todas suas aulas destaca-se essa em que mais se externaliza o amor de Orlando pela leitura e, por conseguinte, o amor à literatura por Virginia:

Em criança, fora encontrado muitas vezes à meia-noite, lendo ainda uma página. Tiravam-lhe a vela, e criava vaga-lumes que pudesse utilizar para o mesmo fim. Tiravam-lhe os vaga-lumes, e quase pega fogo à casa com um morrão.³

A torto e a direito gostava de repetir essa passagem em suas conversas de sala de aula. Desdobrava a conversa em torno do amor à leitura, até chegar àquele ponto em que Virginia dizia que o ato de ler tornara-se uma doença na vida de Orlando: “porque a doença de ler, uma vez tomando conta do organismo, enfraquece-o a ponto de torná-lo fácil presa desse outro flagelo que habita no tinteiro e supura na pena. O desgraçado dedica-se a escrever.”

Desconfio — na mera condição de observador da vida do escrevinhador de nonadas — que o que mais o intrigava na repetida passagem e no entorno dela no livro era a semelhança-na-diferença que ela estabelecia com a vida pregressa dele vivida enquanto menino aos 9 anos nas terras da Revolta. Dessa passagem biográfica, aprendeu a ler e logo se encantou pelas histórias curtas da escritora brasileira Clarice Lispector, a exemplo do livro *Felicidade clandestina*. Também como a personagem do romance inglês, arrumou pretextos para ler as ferozes histórias curtas da sra. Clarice a qualquer hora do dia ou da noite, seja estando encima de um cinamão, encima de uma carreta de boi, encima de uma tronqueira ou embaixo do laranjal às 3 horas da tarde escaldante da Revolta. Lia Clarice à lá diable. (Depois volto a falar mais um pouquinho que seja deste livrinho memorável da sra. Clarice Lispector.)

30

Hoje, passados quarenta anos, o teorizador vira-lata sabe que seu amor irrestrito à leitura advém daquele fundo biográfico que compreendia o lugar denominado de Revolta: sua paisagem, a casa antiga, o canto do urutau do outro lado da fronteira-sul, o pântano e o crepúsculo oscilante e envermelhado e até mesmo o cheiro daquele lugar tornaram seu desejo doentio pela leitura e mais tarde pela escrita.

(Tornara-se um desgraçado dependente da escrita; de modo que, quando não escrevia, estava morto.)

(Ah! esse Sr. escrevinhador: perde a piada, mas não perde o humor.)

³ WOOLF. *Orlando*, p. 123.

Num rompante eloquente e bastante professoral, ele disse em meio àquela mesma aula (com certeza tomado ainda de um espírito woolfiano):

— Mal começou o século 21 e logo veio a pandemia para marcá-lo em nossas vidas para sempre. Ele nem bem começou e essa desgraça que nos açoitou e roubou de nós a própria vida — ele falava como se repetisse uma passagem literária decorada. E disse na sequência uma coisa que levou os discípulos-ouvintes a levantarem a cabeça, esboçando um gesto de curiosidade e pouco entendimento:

— Uma grande nuvem neoliberal encobriu nossas mentes e corpos e almas e desejos (— Até a natureza se enrugou em seu corpo sangrento para não fenecer de vez.)

— Pensar, como escrever, é sempre tão braçal — ele repetiu, tomado pela mais alta ironia que às vezes o acometia do nada (Estava tomado ainda por algum espírito moderno com certeza, mas era assim que pensava.)

Depois de uma pausa e silêncios, o mestre teorizador de nonadas introduziu a Sra., Clarice Lispector em sua conversa daquela aula. Disse:

— Meus amigos (e estava incluindo os discípulos nessa categoria maior) sabem que estudo Clarice Lispector há muitos anos afora. Desconfio que tenha sido com ela que aprendi a ler o que queria ler e a escrever o que queria escrever. Também foi com ela que entendi que o leitor ganha a leitura na releitura. De forma que sei que tenho (e que levarei para os restos de meus dias) uma dívida perpétua para com ela. Confesso que já cheguei até mesmo a esboçar uma biografia teórica ficcional sobre ela, mas achei por bem não torná-la pública. Certa tarde, quando retornei à Revolta, rasguei e ateei fogo no manuscrito. Um tempo depois, quando me detive na releitura de seu livrinho *A hora da estrela*, percebi que o livro podia ser lido como a biografia romanceada de sua autora. Ressalvadas as não tão grandes diferenças, vi que o mesmo tinha acontecido com Orlando: uma biografia de Virginia Woolf. Em ambos os casos, vida e ficção, se entreteceram na trama novelesca. Dizia que não se atrevia a eleger e destacar uma passagem que fosse da narrativa de *A hora da estrela*, porque, nela, nada sobrava ou faltava. Era completa: tinha começo, meio e *gran finale* como devem ter todas as boas narrativas. Mas sempre se pegava se traindo durante as aulas, quando às vezes dizia, e do nada, que preferia o que vinha escrito entre parênteses, como, por exemplo, “(Quanto a escrever, mais vale um cachorro vivo.)”.

— A Sra. Clarice tem o poder sobre mim de me oferecer o sentimento do espanto na forma de invólucro de escritura — ele disse do nada naquela aula inaugural. E para completar, disse mais:

— Apesar de ter estudado minha vida afora a obra dela, de ter escrito alguns livros sobre ela e de orientar pesquisas acadêmicas sobre ela na universidade, hoje faço minhas as palavras de Guimarães Rosa, quando disse que a lia “não para a literatura, mas para a vida.” Hoje aí se centra toda a grandeza de meu amor à leitura de Clarice e sua vasta literatura. Todavia sou obrigado a reconhecer que quase sempre ela se deixa entrever em meus escritos e dá aquela piscadela sorrateira. (Gosto de vê-la espectral à entrada de meus míseros textos, como anfitriã para meu suposto leitor, encimando em epígrafes elevadas e convidativas ao deguste de um prazer de leitura.)

Por fim, ele disse que talvez pelo fato de ler e reler o conto homônimo “Felicidade clandestina”, desde menino aos 9 anos na Revolta, via nele, mais especificamente em suas últimas palavras, uma teorização daquele amor à leitura tão trabalhado e defendido por todos os grandes escritores modernos do século 20. Ali, valendo-se de um ato meio perverso (e sem descartar uma denegação à lá Freud), entre amar e fingir não amar, esquecer pelo desejo de lembrar, perder pelo prazer de reencontrar, não ler para reler, enfim, valendo-se de uma relação amorosa, carnal (livresca) e gozosa, a escritora Clarice Lispector convoca o leitor para uma clandestina felicidade da leitura. “A felicidade iria ser sempre clandestina para mim. Parece que eu já pressentia”, ela vaticinara.

Já sobre o escritor Jorge Luís Borges, nunca foi reticente em afirmar em aula que o achava o escritor mais importante do século. E os motivos eram muitos e variados. Ah ele tinha imposto sem querer um jargão que já era recorrente de boca em boca entre seus discípulos quando o assunto era Borges: “— Quem não o leu, finja que o leu, vá para casa e o leia!”

Gostava de repetir que o que mais admirava no escritor portenho era seu amor irrestrito à leitura da literatura Universal. E, em parte, tal devoção se explicava pelo modo como Borges se aproximava das obras eleitas e as incorporava como suas, sem dó nem piedade. Sua prática imbatível de reescrita, seja por meio da cópia, da glosa, do pastiche, da ironia, do comentário, da resenha ou mera alusão, era outra forma de tornar pública sua admiração pelas obras reverenciadas em sua escrita breve. Longe de qualquer verbiagem, o poder de síntese de Borges era outro motivo para que o Sr. teorizador de nonadas admirasse

sua obra e arrumasse pretextos para falar dela a cada conversa-encontro. Citava passagens e passagens inteiras dos contos que mais gostava em suas aulas. (Aí que entrava o tal jargão — muitas vezes amado e odiado por seus discípulos.) Entre os contos que os repetia à exaustão, sobressaíam sempre os mesmos: “Pierre Menard, autor do Quixote”, “O Aleph” e “Funes, o memorioso”. Achava “O Aleph” um dos contos mais bem construídos e difíceis do autor. Não perdia a oportunidade de ler seu parágrafo inicial para seus discípulos. De “Funes, o memorioso”, via se desenhar em sua trama um diálogo imbatível com a memória da tradição da literatura ocidental. A proposta que o autor fizera ali era correlata à proposta que toda a obra de Borges encetava acerca de manter um diálogo sempre vivo com a literatura mundial. Esquecer, para o escritor Borges, era o mesmo que lembrar, gostava de dizer. Ressalvadas as nem tão grandes diferenças, a memória de Borges correspondia à memória da literatura mundial — seu desejo de mantê-la viva pela leitura. O amor pela literatura cegou o escritor Borges, arrematava debochado. (— “Minha memória é como um despejador de lixo!”) Já de “Pierre Menard, autor do Quixote”, gostava particularmente do último parágrafo, por tratar da técnica de leitura nova empreendida pelo protagonista: “Menard, (talvez sem querê-lo) enriqueceu, mediante uma técnica nova, a arte fixa e rudimentar da leitura: a técnica do anacronismo deliberado e das atribuições errôneas.” Também era do amor à leitura que Borges falava ali, ele completava. Enfim, sempre tivera um pretexto como mestre: repetir o conto inteiro em sala de aula. Por certo que o tomariam por louco, insensato e desvairado. Corrigia-se em seus desejos, devaneios e elucubrações professorais.

Bem (antes tarde do que nunca), chego, agora, ao segundo momento da aula inaugural do mestre das teorizações. Nessa parte, ele se deteve em explicar, e justificar, o porquê de ambas as partes se completarem na diferença. (E assim o fez, de forma breve e de modo até um pouco impiedoso com ele mesmo). Disse:

— Como já disse a vocês, nesse interregno de tempo, desde nossa última aula presencial em 16 de março de 2020, reli grandes obras literárias da humanidade e outras bem atuais e pressenti, ou melhor, senti que algo terrível havia mudado no mundo, no conhecimento, nas teorias e, especificamente, no meu modo de me relacionar com tais obras (ou delas se relacionarem comigo). Aquelas obras (e seus respectivos autores) que eu sempre amara, desde sempre, de repente (talvez tomado pelo espírito pandêmico) me mostravam, ou me faziam perceber (sentir) que eu podia não mais amá-las do mesmo jeito. Assim como eu outrora as amara incondicionalmente, também podia desamá-las, simplesmente

deixar de amá-las. Eu me convencia de que assim como numa relação amorosa você ama e deixa de amar, ali não o era diferente. Como o mundo que mudou diante de nossos olhos, da noite para o dia, aquele amor à leitura daquelas obras tinha mudado sensivelmente e para sempre. Assim como um pé de beldroega fenece e morre na encosta do vaso (no que pese a comparação). De teorizações em teorizações eu acabara por concluir que tais leituras podiam ser ainda, sem sombra de dúvida, relevantes para muitos leitores do mundo, mas que, por conseguinte, elas podiam ser agora irrelevantes para outros, como estavam sendo para mim. Minha geo-corpo-bio-política agora de ler, teorizar, sentir, fazer, pensar, conversar estava ancorada em minhas experivivências outras. Como se a condição pandêmica do mundo atual tivesse me dado uma consciência de que minhas experivivências eram diferentes daquela à qual os livros haviam me conduzido e educado. Também aprendi que a literatura não salva ninguém de nada (para minha tristeza e libertação) e que, por isso mesmo, não vivemos para trabalhar, nem muito menos para escrever, mas que, sim, escrevemos para com-viver melhor com todos e com o mundo e no mundo em geral. Agora eu tinha aprendido a aprender para desaprender para re-aprender minhas relações humanas e intelectuais todas, incluindo aí como disse minha relação amorosa com aquelas obras re-lidas.

— Agora eu leio o que quero; eu escrevo o que eu quero, e não o que determinaram que eu lesse, inclusive, e principalmente, naquelas obras que eu aprendi a amar e a venerar vida afora. A partir daquele estado pandêmico (pouco convivial, já que um isolamento rondava o que era humano) — por meio de minhas leituras daquelas obras, agora pelo avesso do que sempre fizera, e de leituras mais atuais como a do livro *¿Podemos pensar lós no-europeos?* (não mais leituras que descambavam para um ato solitário e burguês, mas que, pelo contrário, endossavam uma luta comunal com todos) — eu, assim, me *hermanava* com meu irmão em sua dor, sua perda e sua morte. (Confesso a vocês, meus discípulos, agora também meus *hermanos*, minha comunidade intelectual, que me está sendo muito difícil tratar, conversar com todos vocês sobre isso nesta aula inaugural, porque estou vivendo essa situação e condição no próprio corpo e mente presentes.)

“Escrever, então, seria quase impossível”, ele pensou consigo, mas não disse. Já pensando em dar por encerrada aquela aula interminável e cansativa, continuou:

— Escutem bem e prestem atenção no que eu vou dizer agora a vocês meus discípulos irmãos: Até então eu não lia minha leitura, mas, sim, a leitura certa que a escolástica e a Teoria Acadêmica determinaram que eu lesse e repetisse à exaustão (inclusive é o que sei fazer e tenho feito com vocês meus caros há anos). Eu lia o que todos já sabiam naquelas leituras (obras) — o que era da ordem da reescrita, da repetição, da devoração antropofágica, da metáfora, da ficcionalização desbragada, das relações inter e transdisciplinares, tudo bem acordado como um método teórico de pensar e de ler soberano e único, quando, naquele momento histórico da pandemia no qual eu me encontrava, como todos no mundo global, me peguei querendo pensar um “pensamento impensável” (não pensado ainda) e fazer, por conseguinte, uma leitura também impensável. Eu estava cego, meus caros, porque eu já sabia tudo o que eu lia e tudo o que eu viria a saber eu já sabia. Resumindo, meus caros, aquela leitura que eu sempre fizera daquelas obras não fazia mais nenhum sentido para mim agora, nem para o que eu buscava a partir de meu lugar, ou seja, do lugar de onde vivo, trabalho e escrevo. Enfim, aquelas obras tinham sido importantes para mim, da mesma forma que agora deixavam de ser relevantes para minha vida presente. O estado pandêmico, entre outras coisas, haviam me desprendido daquele modo de ler e, por conseguinte, de teorizar que eu sempre tivera por certo. Espero, sinceramente, que esta aula inaugural de hoje tenha servido para nos *hermanarmos* ainda mais em uma prática de leitura indisciplinada que faz eco em nossa práxis de viver e de pensar de agora em diante.

E como lição de casa o mestre teorizador de nonadas sugeriu aos seus discípulos-amigos:

— Leiam todos o livro *¿Podemos pensar los no-europeos?*

Todos deixaram o recinto da sala de aula e ele continuou ali, parado, agora sentado, talvez pensando que tinha um romance biográfico por terminar:

— Morri um pouco, mas estou vivo. Sinto minha terra, meu lugar. Aqui estou: a vida é possível na fronteira-sul. Posso me levantar e sair. Essa aula de hoje foi a minha luta mais serena e firme que travei comigo e com os meus.

Cansado, o Sr. teorizador de nonadas esqueceu sobre a mesa algumas anotações que havia feito para a aula por vir. Entre tais anotações se lia: “Ver uma possível conceituação de ‘grafias-de-vida’, de Silviano Santiago, em *Fisiologia da*

composição (2020); ver também sobre ‘a teoria é o sintoma do homem’ em *Recusa do não-lugar* (2018), de Juliano Garcia Pessanha.” Ainda podia se ler, na borda da folha solta e bastante rasurada estas passagens-comentários atribuídas a Borges: “Não há exercício intelectual que não resulte ao fim inútil” (“ler todo o parágrafo”, ele anotou); e “‘Pensar, analisar, inventar (escreveu-me também), ‘não são atos anômalos, são a normal respiração da inteligência. Glorificar o ocasional cumprimento dessa função, entesourar antigos e alheios pensamentos, recordar com incrédulo estupor o que o doctor universalis pensou, é confessar nossa languidez ou nossa barbárie. Todo homem deve ser capaz de todas as ideias e suponho que no futuro o será’”. (grifos dele, em vermelho)

Ele sabia que tinha ido longe demais para amarrar as duas pontas daquela aula inaugural. (Aqui estou me lembrando da passagem-epígrafe aposta de Barthes.) Constatou, ou melhor, sentiu na pele que sua vasta experiência não lhe servira para nada. Agora era sua experivivência que entrara em cena em suas teorizações geo-corpo-bio-políticas.

REFERÊNCIAS

- NOLASCO, Edgar César. *O teorizador vira-lata*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.
 WOOLF, Virginia. *Orlando*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

Artigo Recebido em: 06 de dezembro de 2021.

Artigo Aprovado em: 18 de abril de 2022.